



ENTRE CONFLITOS GLOBAIS E DILEMAS DOCENTES: EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS EM GEOPOLÍTICA NO ENSINO MÉDIO - UMA EXPERIÊNCIA PIBID

Matheus Carvalho Sabino ¹
José Wangledson Rodrigues Gomes ²
Davi Bezerra Campos ³
Marnielly Barbosa Alves Carneiro ⁴

RESUMO

Desde sua gênese, a humanidade busca proteger seu território de potenciais ameaças. O passado conta a história das guerras, e no presente é possível testemunhar as consequências delas. Partindo desse ponto, o presente projeto tem como objetivo descrever uma série de intervenções pedagógicas realizadas no primeiro semestre de 2025, com alunos do terceiro ano do ensino médio, em uma escola estadual de tempo integral localizada em Fortaleza, Ceará, contemplada pelo PIBID Geografia. O propósito central consistiu em aprofundar o conhecimento em Geopolítica Mundial, disseminando informações sobre acontecimentos contemporâneos e delineando as raízes de conflitos globais a fim de preparar os discentes para exames de ingresso ao ensino superior, como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e o vestibular da Universidade Estadual do Ceará (UECE). A metodologia empregada envolveu abordagens didáticas ativas, abrangendo a promoção de debates e a utilização de jogos educativos. Tais estratégias buscaram harmonizar a teoria e a prática, assim fomentando o raciocínio crítico dos estudantes acerca de conflitos internacionais, processos de globalização e outras temáticas correlatas. Contudo, a principal adversidade constatada não residiu na complexidade do conteúdo geopolítico, mas sim na percepção do desinteresse discente, mesmo com a aplicação de estratégias lúdicas e recursos diversificados, distanciando-se de um modelo de aula tradicional, o que impossibilitou a realização de uma das atividades propostas, um simulado do Conselho de Segurança da ONU. Essa constatação suscita uma indagação fulcral à práxis docente: "Como gerir as frustrações inerentes à sala de aula?". Nesse contexto, emergem os dilemas enfrentados pelos bolsistas, culminando em questionamentos sobre a vocação para a docência, o esgotamento profissional e os desafios que permeiam a própria essência do magistério

¹ Graduando do Curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará - UFC, matheuscsabino@alu.ufc.br;

² Graduando do Curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará - UFC, wangledson14@gmail.com;

³ Graduando do Curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará - UFC, davibezerra.alu.lmb@gmail.com;

⁴ Mestra pelo Curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará - UFC, marniellybc@gmail.com.





Palavras-chave: Intervenções pedagógicas, PIBID, Conflitos globais, Aula tradicional, Frustrações.

INTRODUÇÃO

A geopolítica, em sua essência, remonta à própria origem da humanidade e à forte necessidade de proteção contra possíveis ameaças ao território. A história passada narra guerras, enquanto no presente podemos testemunhar as consequências desses conflitos.

É nesse sentido que, como área de estudo sistemática, tomou forma no último quartel do século XIX e no primeiro quartel do século XX. Isso coincide precisamente com o auge do imperialismo europeu, impulsionado pela competição mundial por colônias, matérias-primas e supremacia naval. Tal fato fica mais evidente quando, através de Ratzel, surge a seguinte afirmação: “o Estado é um organismo não somente porque articula a vida do povo sobre a fixidez do solo, mas porque esta relação reforça-se por reciprocidade”. (RATZEL, 2011, p. 52 apud ARAÚJO, 2016, p. 102). Ou seja, seu surgimento não se deu como um ato acadêmico neutro — como comumente vem a ser pregado a neutralidade nas ciências — mas, ao contrário, foi construído a partir da atividade científica que visava a uma base fundamentada cientificamente, como forma de legitimar os movimentos de expansão territorial e domínio mundial pelas potências hegemônicas.

Por isso, de uma perspectiva instrumental, Friedrich Ratzel, por exemplo, enxergava o Estado como um organismo vivo em constante disputa pelo espaço vital, o Lebensraum, uma ideia capaz de fornecer “o combustível ideológico para o expansionismo territorial das potências”, através do denominado “espaço vital” conceito primordial para o entendimento do surgimento da necessidade imperialista e expansionista que ocorreu ao redor do mundo. Um forte exemplo de tal fase é a teoria do Heartland (Área-Pivô) formulada por Halford Mackinder em 1904.

Assim sendo, a tese, na sua origem, surge como uma forma de defesa da ideia de que o controle da Eurásia Central, o coração geográfico do mundo, seria a chave para o domínio global, traduzindo-se na famosa máxima: “Quem domina o leste da Europa, domina Heartland. Quem domina Heartland, reina na 'Ilha do Mundo'. Quem domina a 'Ilha do Mundo' governa o mundo inteiro” (MACKINDER, 1919 apud RIBEIRO, 2023, p. 124). Tal fato se daria pois, aquela nação que tivesse controle tanto das áreas terrestres do coração do mundo, mas também das linhas marítimas, teria assim capacidade de se controlar e dominar todo o mundo.





Nesse sentido, percebe-se como, no entanto, a lógica do conceito apresentado permanece viva na geopolítica contemporânea, uma vez que esta enorme massa continental que representa a Eurásia ainda é o cenário das maiores tensões e disputas de influência — por exemplo, a Nova Rota da Seda da China —, uma estratégia comercial chinesa que vem sendo palco global de discussões, principalmente na América Latina.

Neste cenário de complexas interações globais, a disciplina assume o papel estratégico na formação do cidadão crítico no Ensino Médio, sendo fundamental para que o aluno “compreenda que a Geografia não é dada, mas sim que é uma construção social, política e econômica” (VESENTINI, 2008, p. 66). Tais temas são primordiais para a preparação dos discentes para exames de ingresso ao ensino superior, como o ENEM e o vestibular da UECE (Justificativa Implícita).

É nessa realidade que se enquadra o presente projeto, desenvolvido a partir de intervenções pedagógicas realizadas no primeiro semestre de 2025 com alunos do terceiro ano do ensino médio de uma escola pública de tempo integral de Fortaleza, Ceará, dentro das escolas previstas pelo Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), no curso Geografia. Ou seja, o foco central do presente artigo é descrever e analisar criticamente estas intervenções, tendo como foco a ideia de que se deve aprofundar a discussão sobre o desinteresse estudantil e suas implicações diretas para a formação inicial de professores. E da necessidade de se haver uma percepção maior do capital cultural dos alunos, uma vez que tal conceito se torna fundamental no entendimento e na evolução do indivíduo inserido em seu espaço social. (OLINTO, Gilda. Capital cultural, classe e gênero em Bourdieu. 1995.)

Nesse sentido, a metodologia empregada se desenvolveu por meio de abordagens didáticas ativas, tais como a promoção de debates e o uso de jogos educativos, em busca da superação do modelo tradicional. Todavia, utilizou-se de aulas teóricas, visto a sua importância no entendimento e na formulação de debates e jogos. Tais estratégias buscam harmonizar a teoria e a prática, fomentando o julgamento crítico dos estudantes, conforme preconiza a pedagogia da autonomia: “Ensinar exige a verdade de que mudar é possível” (FREIRE, 1996, p. 21).

Assim, síntese das Discussões, Resultados e Síntese Final Contudo, o relato de experiência trouxe à luz um paradoxo fundamental: a principal adversidade encontrada não estava na complexidade do conteúdo, mas sim na percepção de desinteresse dos alunos.





Mesmo com estratégias ativas, a apatia estudantil impossibilitou a realização de uma das atividades mais complexas propostas: a Simulação do Conselho de Segurança da ONU. Essa constatação suscita uma indagação fulcral à práxis docente: "a realidade é assim mesmo, que podemos fazer?" expressam uma acomodação que desafia a prática docente (FREIRE, 1996, p. 10).

Nessa perspectiva, surgem questionamentos e dúvidas a respeito da capacidade do professor em questionar suas capacidades, mas também lidar com essa frustração vivida cotidianamente em sala de aula. Tal fato fica evidente através de questionamentos feitos pelos próprios bolsistas da escola ora estudada: "a escolha foi certa", "realmente soubemos explicar e engajar os alunos?". Questionamentos surgiram como forma de cansaço e frustração. O fato fica ainda mais evidente uma vez que Freire alerta que "a prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer" (FREIRE, 1996, p. 17).

Dessa forma, o presente artigo traz a luz a realidade dos professores em sala de aula, essa dinâmica diária de se lidar com as frustrações causadas pelo desinteresse dos alunos em abraçar as dinâmicas diversas, como forma de se trazer um dinamismo à sala de aula. Fato este que pode ser mais evidente e impactante em graduandos, principalmente os que estão iniciando os estágios, e principalmente os que entram na escola através do PIBID. Algo novo, e que pode vir a ser um impacto direto e forte. Entretanto, importante fato a se observar também vem a ser o capital cultural por parte dos alunos, a realidade da escola e dos mesmos, e o espaço no qual a instituição está inserida.

METODOLOGIA

A escola estadual de ensino médio de tempo integral localizada em um bairro de Fortaleza, Ceará, Conjunto Ceará II, contemplada pelo PIBID Geografia da UFC, com sua estrutura física sendo considerada Padrão MEC, sendo escolas construídas e equipadas de acordo com os padrões de arquitetura e estrutura definidos pelo Ministério da Educação (MEC), assim tendo seus materiais considerados ideais e basilares para o ensino, possuindo em sua estrutura, incluindo salas de aula, laboratórios, biblioteca, auditório e quadra esportiva,





tendo seu público sendo jovens, dos 15 aos 19 anos, do ao redor da escola sendo moradores do bairro, mas conversando com os alunos durante nossas intervenções, parte deles vêm de

bairros pouco afastados da escola, muitos deles ainda em Fortaleza, como o Bom Jardim, em média 4 quilômetros da escola, ou mesmo do município vizinho dentro da RMF (Região Metropolitana de Fortaleza), Caucaia, de bairros como Jurema e Parque Potira, os dois na média de 3 quilômetros da escola.

O objetivo central se tratando nós como bolsistas PIBID, que é tanto para nós estudantes de licenciatura de uma universidade federal, de emular o espaço da universidade para esses alunos do ensino básico, como também nós, futuros docentes de termos uma vivência no chão da escola, muitas vezes antes de estágios, como por exemplo, na Geografia da UFC, são 4 estágios passando de observação para a regência, sendo o primeiro estágio somente no 4º semestre. Já o objetivo nos adaptando as estruturas do currículo da escola, de primeiro modo, nos foi posto que iríamos fazer nossas atividades em uma turma do terceiro ensino médio, sendo a última aula do dia, das 16 horas até as 17 horas. A principal coisa que era abordado para os alunos, como em outras escolas principalmente do final do ensino básico, o ensino direcionado para os vestibulares, como ENEM e UECE, então nosso principal objetivo de nós bolsistas foi o de integrar, junto da professora orientadora Marnielly Barbosa, para os alunos os principais assuntos abordados nesses vestibulares para eles.

REFERENCIAL TEÓRICO

Não são raros os autores que falam sobre os desafios e encalços da profissão docente. Quando nos foi passada a demanda de apresentar para os estudantes os conteúdos que seriam cobrados nos vestibulares, a consciência de que não seria uma tarefa fácil já existia em nós, mas não contávamos que as dificuldades seriam maiores do que o esperado.

Tendo a consciência de que a dificuldade de ensinar muitas vezes reside na necessidade de adaptar o método ao aluno, na compreensão da realidade do estudante e na natureza recíproca da relação ensino-aprendizagem, foi necessária a busca por novas maneiras de facilitar a compreensão dos conteúdos pelos alunos. “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”(FREIRE, 1996, p25) Com isso, começa a busca por autores que abordam em suas obras metodologias ativas e a aplicação destas no cotidiano escolar, pois, segundo Morán (2015):





As metodologias precisam acompanhar os objetivos pretendidos. Se queremos que os alunos sejam proativos, precisamos adotar metodologias em que os alunos se envolvam em atividades cada vez mais complexas, em que tenham que tomar decisões e avaliar os resultados, com apoio de materiais relevantes. Se queremos que sejam criativos, eles precisam experimentar inúmeras novas possibilidades de mostrar sua iniciativa. (MORAN, 2015, p.16)

Com isso, novas práticas foram adotadas. O que antes eram aulas expositivas, apenas com a utilização de slides, passaram a ser aulas mais dinâmicas, com divisões bem estabelecidas: sendo a primeira aula expositiva do conteúdo, a segunda sendo uma aula contendo um jogo sobre os conteúdos previamente ministrados, e a terceira com resolução de questões. A escolha da abordagem com a utilização de jogos foi de suma importância, pois, segundo Morán (2015):

As escolas que nos mostram novos caminhos estão mudando o modelo disciplinar por modelos mais centrados em aprender ativamente com problemas, desafios relevantes, jogos, atividades e leituras, combinando tempos individuais e tempos coletivos; projetos pessoais e projetos de grupo. Isso exige uma mudança de configuração do currículo, da participação dos professores, da organização das atividades didáticas, da organização dos espaços e tempos. (MORAN, 2015, p.19)

A pesquisa por autores que tratassem de questões como as aqui citadas foi de imensa importância para a elaboração de atividades que conseguissem capturar a atenção dos estudantes e facilitar para eles o entendimento dos conteúdos que são cobrados nos vestibulares.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De primeiro modo, nós idealizamos atribuir intervenções com slides com uma breve explicação sobre algum conteúdo atual, principalmente se tratando de conflitos internacionais,





dado pelo momento de alta tensão internacional na época que começamos, principalmente sobre os conflitos entre Israel x Palestina e Israel x Irã, que fizemos intervenções sobre

posteriormente. A primeira intervenção foi sobre a ONU, a sua história, estrutura, função e desafios da Organização das Nações Unidas durante os anos desde sua criação. A priori elaboramos o conflitos e geopolítica, dando o embasamento histórico e geográfico do porquê de estar acontecendo esses eventos em diversos países pelo mundo, após a intervenção percebemos como os alunos acabavam por parecer avoados, desinteressados, com isso em mente, elaboramos uma simulação de uma conferência da ONU, com cada aluno representando um país e seus ideais, para que assim, pudesse ter uma reação maior dos alunos em relação do conteúdo apresentado, mas no dia em que foi marcado para a apresentação de todos, houve a organização dos alunos de uma falta coletiva, só ficando em sala que havia em média 40 alunos, somente 3 que realmente queriam participar desta atividade, que até mesmo valia ponto para eles, mas mesmo assim, parecia que não havia vontade própria dos alunos para participarem.

Para entendermos os possíveis motivos que podemos atribuir para que os alunos se sintam desinteressados ou até mesmo desmotivados por nossas intervenções podemos atribuir isso aos horários de aulas. Tendo em mente por ser uma escola de tempo integral, que os alunos entram na escola de manhã cedo e vão embora no final da tarde, e nossas intervenções sendo no último tempo de aula, o cansaço psicológico é um dos principais motivos para essa reação, ou falta de reação, dos alunos poderia se justificar o ocorrido. Outro parâmetro que percebemos é a utilização indevida de celulares em sala, mesmo após a aprovação da lei da proibição do uso, que o uso abusivo de telas por esses jovens faz que busquem uma satisfação e aumento de dopamina em por vídeos rápidos, faz com que o desinteresse aumente em aulas expositivas sem nenhum tipo de estímulo, a procura por uma dose de estímulos rápidos em constância se torna viciante e qualquer tarefa que se tenha que fazer um esforço maior e acarreta em uma demora nesse ganho.

[...] conforme o pensamento vai sendo solicitado para estímulos rápidos, mas ele vai se tornando prevalente e preponderante no funcionamento mental. [...] Segundo Cristiano Nabuco, isso vai ao ponto de prejudicar o raciocínio. "Quando você dá para esses jovens que passam muito tempo em frente às telas um material que envolve um raciocínio mais denso e mais profundo, eles não conseguem fazer", diz. (PAGNO, 2023)





Nesse sentido, podemos também citar outros autores que fizeram análises sobre o ensino, principalmente o tipo de ensino clássico que é perpassado por décadas e que ainda é utilizado em escolas do presente, como possível justificativa seria o conceito de reprodução cultural apresentada por Pierre Bourdieu. Sendo em si, o processo pelo qual as desigualdades sociais e culturais acontecem e são transmitidas entre gerações, principalmente através da escola e de outras instituições sociais (SILVA, 2016). E também o conceito também pautado por Bourdieu, o capital cultural, se referindo ao conjunto de conhecimentos, valores e hábitos que uma pessoa adquire em seu âmbito familiar e ao longo de sua vida, como cita Tomas Tadeu da Silva em seu livro “Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo”:

A cultura que tem prestígio e valor social é justamente a cultura das classes dominantes: seus valores, seus gostos, seus costumes, seus hábitos, seus modos de se comportar, de agir. Na medida em que essa cultura tem valor em termos sociais; na medida em que ela vale alguma coisa; na medida em que ela faz com que a pessoa que a possui obtenha vantagens materiais e simbólicas, ela se constitui como capital cultural. (SILVA, 2016)

As intervenções no último tempo de aula, especialmente aulas expositivas sem nenhum tipo de estímulo, exigem um capital cultural incorporado que entra em conflito direto com as disposições internas dos alunos. Dessa forma, o desinteresse manifesta a incompatibilidade entre as exigências do campo escolar e a realidade social e digital dos jovens, configurando uma forma de violência simbólica, uma dominação invisível, que ocorre através de meios simbólicos como linguagem, cultura e discursos, onde o fracasso ou a falta de reação do aluno é equivocadamente atribuído à sua falta de aptidão individual ou cansaço, e não à distância entre a cultura que ele vive e a cultura imposta como universalmente válida pela escola.

Nos deparamos com essa problemática em nossas mãos e o que esquematizamos após conversamos com nossa professora orientadora, e com reuniões de nosso núcleo de bolsistas: o ensino em 3 etapas ainda se mantendo no conteúdo de atualidades e conflitos. Primeiramente aulas expositivas mas com slides, com conteúdos mais leves e trazendo



notícias, utilizando uma linguagem que se dava de acordo com os alunos, mas não rompendo com parâmetros educacionais; em seguida, fazíamos jogos de perguntas com os alunos sobre

o conteúdo da última aula, normalmente os alunos utilizavam os seus celulares unicamente neste momento da aula, conforme a Lei nº 15.100/2025 que autoriza o uso de celulares em sala de aula somente para fins pedagógicos com autorização do(a) professor(a), utilizando o aplicativo Kahoot!, onde os alunos respondiam as perguntas do jogo; O terceiro e último momento sendo a elaboração de atividades sobre o tema, normalmente utilizando questões de vestibulares, para assim, simular como seria realmente questões do ENEM e UECE, e após os alunos responderem, nós bolsistas corrigimos as atividades junto dos alunos e tirando suas dúvidas sobre as questões.

Figura 1 - Quiz Kahoot e Aula expositiva com slides



Fonte: Autoral

Após a divisão das aulas, foi notório o aumento de interesse por parte dos alunos. As aulas que continham os jogos e desafios movimentavam a turma. Aulas que antes contavam com a presença de apenas três alunos passaram a contar com a presença e a interação de mais da metade da turma, senão toda a turma, dependendo do dia em que a atividade era ministrada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS





Em face do exposto, fica notório afirmar que tentativa de intervenção pedagógica realizada junto a turma de terceiro buscou a inovação no ensino de Geopolítica por meio de metodologias ativas e se tornou terreno fértil não apenas para a aplicação de conceitos

teóricos, mas principalmente para a análise crítica da realidade escolar atual. Uma vez que assuntos de geopolítica se tornaram diários, fazendo com que o entendimento dos assuntos venham a ser primordiais. Entretanto, havendo também a construção de uma visão crítica acerca do assunto. Nesse sentido, retomando a proposta deste estudo, a experiência funcionou como uma lupa para a sala de aula: a conclusão mais importante não reside na eficácia ou fracasso de uma estratégia, mas sim na constatação de que o desinteresse dos alunos é algo complexo e resistente até mesmo às abordagens mais lúdicas. Isto fica ainda mais evidente quando levado em consideração a realidade dos alunos, o lugar onde a escola se encontra; ou seja, o capital cultural dos alunos. O que leva a observar que atividades, mas também o currículo escolar não leva em consideração os alunos, apenas os objetivos. A diferença entre o planejamento idealizado e a execução real culminou no fracasso da simulação do Conselho de Segurança da ONU, o que evidenciou que a apatia escolar tem natureza multicausal.

Por conseguinte, a pesquisa atual oferece uma contribuição essencial para sua eventual aplicação empírica na formação de professores: a necessidade de introduzir o gerenciamento da frustração nos cursos de graduação. Mas também levar ao entendimento de que uma metodologia pensada pelo professor, e de que mesmo que o docente considere abordagens dinâmicas (em sua visão) do conteúdo a ser abordado em aula, vis à vis seu capital cultural e objetivo, não venha a ser tão atrativo ao seu público (os alunos), uma vez que seus interesses e entendimentos são outros.

Nesse sentido, a experiência do PIBID mostrou-nos que "ser professor" significa uma negociação constante entre expectativa e realidade. O esgotamento profissional e o questionamento vocacional dos bolsistas não devem ser vistos como fraquezas individuais, mas sim como sintomas de uma estrutura que exige resiliência e adaptação constantes. As "trincheiras" da sala de aula exigem conhecimentos que vão além do domínio da disciplina de geografia. A discrepância entre o planejamento idealizado e a execução real, culminando no fracasso da simulação do Conselho de Segurança da ONU, evidenciou que a apatia escolar é multifatorial.





Assim, a presente pesquisa oferece uma contribuição essencial para sua eventual aplicação empírica na formação de professores: a gestão da frustração deve ser introduzida durante a graduação. Esta experiência no PIBID demonstrou que "ser professor" significa negociar entre expectativa e realidade a cada passo. O esgotamento profissional e o questionamento vocacional dos bolsistas não devem ser tratados como fraquezas individuais,

mas como sintomas de uma estrutura que exige resiliência e adaptação constantes. As "trincheiras" da sala de aula exigem conhecimentos que vão além do domínio da disciplina de Geografia. Na esteira das análises desenvolvidas neste trabalho, retoma-se uma postura que reflete o imprevisível. A resistência dos estudantes tornou-se um espelho que permitiu aos graduandos vislumbrarem as limitações e os desafios que esta profissão enfrenta, retirando o ensino de seu pedestal idealizado e inserindo-o nos limites da realidade.

Com isso se torna primordial o entendimento da realidade por parte tanto da instituição, quanto dos alunos. Se torna um ponto fulcral a percepção de que os alunos, por mais que a ideia da atividade venha a ser lúdica e inovadora, possa não ser tão interessante aos alunos, o que leva a não aceitação por partes dos alunos. Vem a tona a necessidade de se refletir acerca do que vem sendo imposto aos alunos, o currículo escolhido a ser abordado nas instituições de ensino, refletindo a uma abordagem utilitarista que se preocupa apenas com o conteúdo das provas em detrimento da educação humanística? Nessa perspectiva, conclui-se, portanto, que ensinar geografia é insistir, e o professor precisa estar preparado não apenas para ensinar sobre as delimitações geopolíticas do mundo, mas também para a criação da percepção de que as metodologias devem ser utilizadas levando em consideração a realidade do aluno e seu capital cultural.

Por fim, as atividades mostraram como a leitura de autores como Paulo Freire, que defendem pontos como a validação dos saberes já existentes dos alunos é de suma importância para a formação docente. A necessidade de sempre buscar novas maneiras de facilitar o conhecimento para os estudantes ficou clara para nós. Afinal, a profissão docente nunca para de se atualizar, e o professor sempre terá de se adaptar às mudanças do mundo e sempre estar pronto para potenciais obstáculos e desafios que surgirão em seu caminho.





REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Kárita de Fátima. Geografia Política de Friedrich Ratzel: o espaço vital e a elaboração de Estado. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA POLÍTICA, GEOPOLÍTICA E GESTÃO DO TERRITÓRIO, 2., 2016, Natal. Anais...** Natal: REBRAGEO, 2016. p. 91-104.

CAZAROTTO, Rosmari Terezinha. *Desenvolvimento sustentável: o paradigma territorial a partir do conceito de espaço vital de Friedrich Ratzel-1844-1904*. Santa Cruz: 2000.

Crianças e adolescentes no celular: uso exagerado afeta o cérebro e a concentração; veja o que fazer. **G1**, 14 fev. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/noticia/2023/02/14/criancas-e-adolescentes-no-celular-uso-exagerado-afeta-o-cerebro-e-a-concentracao-veja-o-que-fazer.ghtml>. Acesso em: 18 nov. 2025.

ESTEVE, José Maria. *O mal-estar docente: a sala de aula e a qualidade de ensino*. Bauru: EDUSC, 1999.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Editora Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

MORÁN, José. Mudando a educação com metodologias ativas. In: SOUZA, Carlos Alberto de; MORALES, Ofelia Elisa Torres (Org.). *Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens*. Vol. II. PG: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015.

Restrição ao uso do celular nas escolas já está valendo. **Gov**, 03 Fev. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2025/fevereiro/restricao-ao-uso-do-celular-nas-escolas-ja-esta-valendo>. Acesso em: 18 nov. 2025.

RIBEIRO, Filipe Giuseppe Dal Bo. A regionalização revolucionária do espaço mundial: a herança geopolítica de H. J. Mackinder. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 109, p. 111-131, jan./jun. 2023.

SILVA, T. T. DA. *Documentos De Identidade : Uma Introducao As Teorias Do Curriculo*. [s.l.] AUTÊNTICA EDITORA, 2016.





TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2002.

VESENTINI, José William. *Para uma geografia crítica na escola*. Ática, 1992.

